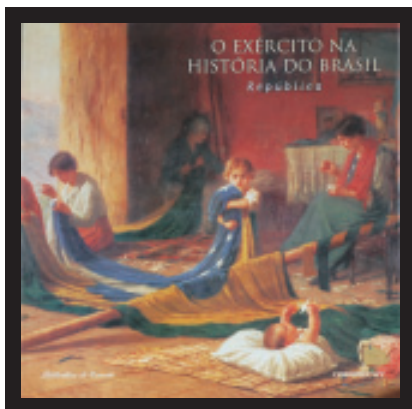




O Exército na História do Brasil: Colônia, de Olavo de Carvalho (Org). Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do Exército/Odebrecht, 1998, 260 p.



O Exército na História do Brasil: Reino Unido e Império, de Olavo de Carvalho (Org). Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do Exército/Odebrecht, 1998, 238 p.



O Exército na História do Brasil: República, de Olavo de Carvalho (Org). Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do Exército/Odebrecht, 1998, 273 p.



O Exército na História do Brasil: Mapas, esquemas e esboços. Exército Brasileiro, Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do Exército/Odebrecht, 1998, 150 p.

A riqueza, na forma e conteúdo, de uma coleção ímpar na história militar nacional

Márcio Fernandes*

Começa a circular novamente pelo país uma coletânea primorosa – sob diversos aspectos – lançada originariamente há 10 anos: *O Exército na História do Brasil* é um colosso editorial em quatro volumes que, somados, resultam em mais de 900 páginas (em formato 31 cm x 31 cm) que indicam a atuação deste braço das Forças Armadas, da época colonial até a contemporaneidade. Obviamente, a obra apresenta uma visão positiva do Exército, chegando a ser romântica em muitos casos, como no volume 1 (*O Exército na História do Brasil: Colônia*), quando narra as peripécias dos bandeirantes, minimizando sua atuação enquanto violentos agentes escravocratas de indígenas.

Editada pelo filósofo Olavo de Carvalho, e com projeto gráfico de Karyn Mathuiy, a coleção revela os primeiros indícios de algo que se tornou recorrente nos anos seguintes, com ápice na primeira década do século XXI: a preocupação do Exército em reconstruir sua imagem perante a sociedade, utilizando-se fartamente de instrumentos consagrados em comunicação institucional. Antes de detalhar os quatro volumes, vale a pena recordar alguns *cases*.

No segundo semestre de 2009, por exemplo, o cantor e compositor Alex Pereira Barbosa, o MV Bill, acompanhou por algum tempo as ações das Forças de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti, sobretudo a atuação das tropas verde-amarelas. A visita chegou a ser alvo de reportagem no programa global Fantástico. No âmbito do organizado Centro de Comunicação Social do Exército, o CComSEX, em Brasília, funciona a Rádio Verde-Oliva FM, operando

*Jornalista diplomado, com 14 anos de experiências no Brasil e exterior. Professor efetivo do Departamento de Comunicação Social (Decs) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro / Guarapuava / Paraná). Pesquisador em História da Mídia. E-mail: marciorf@globo.com.

em 98.7, há 10 anos no ar. Engana-se quem pensa que a pauta da emissora é exclusivamente militar. Pode-se ouvir desde uma entrevista do general Júlio de Amo Jr, coordenador geral do Projeto Rondon, até um bom bate-papo com a cantora Ana Cañas, revelação do cenário musical nacional.

Por falar em Projeto Rondon, uma das preocupações fundamentais desta impressionante ação extensionista (comunitária) do Ministério da Defesa, em favor de comunidades carentes em todo o país, tem ligação direta com a comunicação: o Rondon, como é comumente chamado, quer e precisa atrair mídia espontânea para si. Para tanto, além de investir alto (em termos financeiros e na qualidade do material) em identidade visual – chapéus, coletes, camisetas, bottoms etc, fazem parte da indumentária de militares – propicia a professores e estudantes universitários percorram os rincões brasileiros duas vezes por ano.

Mas, retomando o viés da coleção *O Exército na História do Brasil*, impressiona o cuidado visual dos quatro volumes. A diagramação dos livros explora com a devida acuidade contrastes como vertical x horizontal, textual x visual, aplicação de cores x preto & branco e espaços em branco x preenchimento de página. As imagens, por si só, valem cada folheada. A capa do título 1 reproduz um pedaço de Batalha dos Guararapes, obra de Vítor Meireles disponível no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. É possível ter uma boa noção da riqueza visual deste volume fazendo a relação entre o número de páginas (cerca de 250) e o de imagens (aproximadamente 170). Tão interessante quanto a quantidade de peças imagéticas reproduzidas é a variedade das fontes nas quais foram buscadas, da Mapoteca do Itamaraty (na capital federal) à Casa de Ínsua (Portugal), passando pelo Museu Nacional da Dinamarca.

Claro que o volume 1 da coleção não é perfeito, embora seja plausível dizer que a maior parte dos deslizes se concentra no discurso apresentado em cada subtema. Na página 152, por exemplo, está descrito sobre as aldeias jesuíticas do que mais tarde se encaixaram no que seria a parte sul do Brasil:

[...] Os bandeirantes paulistas, não tendo encontrado ainda ouro e havendo necessidade de escravos cuja fonte achava-se interrompida por causa da dominação holandesa em Pernambuco, assaltavam as missões onde encontravam índios já dóceis para serem vendidos no litoral como escravos.

É uma pena que o tópico em questão seja apresentado de forma simplista, embora isto também possa ser facilmente compreendido, já que as Bandeiras são tratadas na coletânea como “uma organização militar a serviço da formação do Brasil”, conforme estampado à página 150.

Devaneios ideológicos à parte, os volumes 2 (*O Exército na História do Brasil: Reino Unido e Império*) e 3 (*O Exército na História do Brasil: República*) seguem caminho similar ao primogênito. O segundo livro apresenta aos leitores, logo de início, apontamentos sobre a vinda da família real portuguesa, liderada por D. João VI, por volta de 1808. Logo à página 11, um descrição visual rica em detalhes, produzida por Francisco Bartolozzi, recria detalhes do embarque em 27 de novembro de 1807. Uma folha adiante e é possível se deparar com uma ilustração, atribuída a Domingos Antônio Siqueira, que apresenta um garboso D. João VI em seu cavalo branco, em uma imagem bastante distinta de outros livros que retratam o período, no qual o monarca aparece, digamos, um tanto desajeitado.

Nesta segunda parte da coleção, cabe ressaltar, o Paraná aparece mais, como na página 110, em que há a descrição da Colônia Militar de Jataí, criada em 1855 para auxiliar o contato com o Mato Grosso, através do rio Tibagi. Narra-se ainda as Colônias Militares de Erê e Xagu, de 1859 em diante, destinadas à defesa da fronteira e proteção dos moradores das zonas de Palmas, Erê, Xagu e Guarapuava, contra supostos ataques indígenas.

Mas é entre as páginas 145 e 196 que está o suprassumo do volume 2, com farto material sobre a guerra contra o Paraguai (1864-1870), com destaque para a epopeia de D. Pedro II rumo a Uruguaiana, cidade do Rio Grande do Sul à beira do rio Uruguai, margeando com o Uruguai e a Argentina e que, em 1865, havia sido invadida por tropas paraguaias.

Partindo em 10 de julho do Rio de Janeiro com uma comitiva que incluía o então tenente-general Marquês de Caxias, o imperador colocou os pés em Uruguaiana em 11 de setembro daquele ano. Por aqueles dias, a revista *Semana Ilustrada* (um dos principais magazines do período imperial) veiculou uma gravura de Pedro II já em “trajes de campanha”, vestindo poncho (ou pala) e botas, dentre outros itens, conforme estampado à página 172. Na página seguinte, os organizadores da coletânea incluíram uma tela do pintor paraguaio Candido Lopez (também combatente naquele conflito em certos momentos) descrevendo a rendição paraguaia em Uruguaiana a 18 de setembro de 1865. E, assim como no volume 1 e no 3, há um glossário farto, com toda sorte de termos militares, bem explicados, para facilitar a tarefa do leitor em caso de dúvidas ao longo do consumo intelectual da coleção.

No volume 3 (*O Exército na História do Brasil: República*), a maior peculiaridade é a introdução da fotografia para continuar o detalhamento da saga do Exército. Versando sobre a República (a partir de 1889), esta parte da coletânea utiliza do recurso fotográfico pela primeira vez às páginas 15 e 16, apresentando personagens da violentíssima Revolução Federalista ocorrida no Sul do País no final do século XIX, na qual a degola era uma especialidade de certos combatentes. Figuras lendárias do RS, como Antônio Augusto Borges de Medeiros (que mandou politicamente no estado pelos 30 anos seguintes) e Gumercindo Saraiva (líder federalista), podem ser apreciadas com a precisão que as boas fotografias documentais costumam ter, algo que se dá no capítulo seguinte, em que a Guerra de Canudos passa a ser objeto central.

Aqui, uma curiosidade deve ser pontuada: para descrever Saraiva (páginas 15-16), os organizadores da coleção recorreram a um terceiro, José Lavrador, para quem Saraiva era um

[...] Audaz e intrépido guerrilheiro, na sua grandeza da d'alma tinha o mais alto e elevado conceito da noção de cavalheirismo. Era este o segredo da sua força que eletrizava multidões, fascinando também o seu bravo e leal adversário. E assim como execrava a traição, mesmo a dos inimigos, era um elevado feticista da bravura, da magnanimidade e do altruísmo.

Já no momento de ceder espaço a um militar governista, os autores assumiram um discurso e escreveram por sua própria voz, sobre o general Francisco Rodrigues de Lima (página 16), bastante enaltecido:

[...] Era metódico e persistente, soldado autêntico que dirigira com firmeza a atuação das brigadas da Divisão Norte. Não discutia ordens. Cumpria-as e emitia-as. Colocava a noção do dever acima de tudo. Não conhecia fadigas. Desdenhava o perigo. A tudo afrontava. Era um tipo querido e admirado pelos subalternos e temido e respeitado pelos inimigos.

Nesta terceira parte, diversos temas são trazidos ao conhecimento dos leitores, com igual nível de importância – Segunda Guerra Mundial, Golpe de 64 e missões brasileiras de paz no exterior, dentre outros –, todos com amplas coberturas fotográficas, coloridas ou não. Em um cenário assim, todas as imagens disponibilizadas são relevantes, embora algumas sejam mais emblemáticas, como as cenas de combatentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, em pleno inverno europeu durante a II Guerra.

Contudo, o ápice visual da coleção está no volume 4, denominado *O Exército na História do Brasil: Mapas, esquemas e esboços*, uma caixa com quase 150 gravuras, pelo sistema de pranchas soltas, que vão desde a distribuição dos índios no litoral brasileiro no século XVI até o organograma da Brigada Latino-Americana São Domingos, na República Dominicana, com ampla participação verde-amarela. *Mapas, esquemas e esboços* é uma dessas raras obras que conjugam um formato prático (as folhas soltas) com *design* esmerado e conteúdo de altíssimo nível, ainda que quase sem textos verbais. Quem desejar entender melhor a importância do Nordeste como base de apoio territorial durante a Segunda Guerra Mundial pode consultar a gravura 130, elaborada a partir da visão do coronel do Exército José Fernando de Maya Pedrosa.

Se o interesse for pelos movimentos do grupamento que perseguiu a Coluna Prestes no Nordeste, basta ir à ilustração 121. Agora, se

optar pelas fortificações históricas da Amazônia, só consultar a gravura 48. E por aí vai, desvelando em cada página informações por vezes surpreendentes ao extremo – e contribuindo para desmistificar um pouco (ou muito) uma das mais importantes instituições do País, o Exército Brasileiro. Um dos papéis da comunicação institucional, aliás, é exatamente este – fomentar a revisão de preconceitos que determinado grupo social possa ter. Nos últimos anos, o Exército parece ter compreendido em boa medida que a comunicação é uma ferramenta eficaz para tanto e que o lançamento de obras, como esta coletânea, representam “um esforço conjunto de civis e militares para a justa compreensão e fortalecimento da crença absoluta na necessidade do estamento militar e do indiscutível papel que lhe cumpre desempenhar na sociedade, como instituição nacional permanente”, como pontificou no final dos anos 90 o então ministro do Exército, general Zenildo de Lucena.